

“Um voo sobre o ninho dos cucos”: uma análise da loucura considerando suas dimensões psicológica, social e política¹

Lucas Voigt*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo apresentar algumas considerações sobre a loucura, a partir de uma análise sociológica do filme *Um Estranho no Ninho* (Milos Forman, 1975). Para a análise fílmica, serão utilizadas a microsociologia de Goffman e Garfinkel, a antipsiquiatria de Deleuze e Guattari, e a biopolítica de Foucault e Agamben. Em um segundo momento, aproximando as formulações elaboradas nos campos da antipsiquiatria e da sociologia, defendo uma definição de loucura como um fenômeno que perpassa três planos da existência humana – psicológico, social e político. Ao não restringir a noção de loucura ao plano psicológico, relacionando-a aos processos de exclusão e estigmatização social de indivíduos que não detém a competência social necessária em determinado contexto (os “loucos”), bem como ao reconhecer o caráter político da loucura e as possibilidades do *agenciamento esquizofrênico* (ou *esquizopraxis*), é possível superar a fragmentação das análises e formular um exame mais adequado da questão da loucura. No decorrer do artigo, procura-se relativizar e desconstruir as acepções socialmente dominantes de noções como “loucura”, “lucidez” e “competência social”. Por fim, elaboro algumas considerações mais gerais sobre a discussão.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Antipsiquiatria; Sociologia; Competência social; Estigmatização.

1. Uma Sociologia de “Um Estranho no Ninho”

*“Toda vez que eu olho no espelho a minha cara
Eis que sou normal e isso é coisa rara”²*

O filme *One Flew Over the Cuckoo's Nest* (no Brasil: *Um Estranho no Ninho*), foi dirigido por Milos Forman em 1975, baseado em um romance homônimo de Ken Kesey escrito em 1962. A obra se situa no contexto da luta antipsiquiátrica e antimanicomial deflagrada nos anos 60, que tem na publicação de *O Anti-Édipo: Capitalismo e*

* Acadêmico do Curso de Graduação em Ciências Sociais - UFSC. E-mail: lucas_3106@hotmail.com

Esquizofrenia de Deleuze e Guattari, um de seus expoentes máximos.

Para nossa análise, será interessante fazermos um voo sobre a história do filme. *Um Estranho no Ninho* conta a história de Randall Patrick McMurphy (interpretado por Jack Nicholson³), e se passa em 1963 nos Estados Unidos. McMurphy foi sentenciado por estupro estatutário – isto é, relacionamento sexual consentido com uma pessoa menor de idade – de uma adolescente de 15 anos. Ele estava cumprindo sua pena em uma prisão rural, e para evitar o trabalho forçado acreditou que seria melhor conseguir uma transferência para um hospital psiquiátrico.

McMurphy é um tipo ideal excelente para exemplificar o que Goffman (2009) teorizava como a representação do eu no cotidiano. Para o autor, todos nós desempenhamos papéis de acordo com as demais pessoas presentes em determinada situação social. Portanto, muitas de nossas ações não condizem de forma direta com as crenças e ideais que possuímos. Nos contextos da vida cotidiana, somos impelidos a atuar conforme as necessidades e limitações impostas. Nas palavras do autor: “[...] o papel que um indivíduo desempenha é talhado de acordo com os papéis desempenhados pelos outros presentes e, ainda, esses outros também constituem a plateia.” (GOFFMAN, 2009, p.9).

As circunstâncias sociais nos levam a agir, manipular e produzir impressões nos demais atores. Utilizando o teatro como uma metáfora da sociedade, Goffman mostra a necessidade de construirmos uma imagem social para alcançar nossos objetivos, sejam quais forem:

Assim, quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir. [...] Resumindo, então, acho que, quando um indivíduo se apresenta diante de outros, terá muitos motivos para controlar a impressão que estes recebem da situação (GOFFMAN, 2009, p.13-14, p.23).

McMurphy sabe assumir papéis e representar no teatro da sociedade de acordo com suas necessidades. Teve duas plateias centrais em sua trajetória: os guardas e a direção da prisão rural, quando ainda não era considerado louco; e os enfermeiros, médicos e guardas do hospício, quando sua sanidade foi questionada. McMurphy atua tanto quanto necessário, se fazendo passar por louco, para conseguir uma transferência a um hospital psiquiátrico. Em uma das cenas, estas características e descrições se tornam explícitas. Logo no

início do filme, McMurphy entra dócil e serenamente ao hospital; quando o policial retira suas algemas, ele começa a encenar um demente, pula, grita e dá um beijo em um dos guardas.

Mas para a infelicidade do nosso anti-herói, o diretor do hospital Dr. John Spivey desconfia de sua loucura e acha que tudo aquilo não passa de encenação. O diretor encontra McMurphy para averiguar suas suspeitas, e começa a ler a ficha do protagonista. Cinco prisões por briga e bebedeira. É uma descrição que poderia bem ser utilizada para descrever muitos outros *esquizos*: é agressivo, fala quando não é autorizado, e não gosta de trabalhar.

Dr. Spivey pergunta o motivo pelo qual McMurphy foi preso e se de fato ele é louco, e ele dá uma resposta que qualquer desavisado atribuiria facilmente a Deleuze:

Ela tinha quinze anos, no caminho para os 35, e me disse que tinha 18. [...] Nenhum homem resistiria. Por isso eu fui preso. Agora dizem que eu sou louco, porque não fico lá sentado como um maldito vegetal. Não faz sentido nenhum para mim. Se isto é ser louco, então sou insano, doido, maluco, pirado.⁴

Representando mais uma vez um papel social necessário, McMurphy afirma que irá contribuir inteiramente com o diretor do instituto, e interpretará o papel de interno-modelo. Mas logo veremos que isto será tudo o que nosso esquizo-protagonista não fará.

A partir de então, nosso anti-herói é um interno do Instituto Psiquiátrico Estadual. Uma das instituições totais tão temidas e tão analisadas pela sociologia. Goffman (1974) é provavelmente o maior teórico das instituições totais. O autor propôs analisar em seu célebre livro *Manicômios, Prisões e Conventos* as disposições institucionais que norteiam a vida dos internos. Para ele, uma análise do comportamento do interno frente à instituição nos traz mais informações sobre a condição de interno do que sobre a doença a ser tratada naquele local.

De acordo com Goffman (1974), é característico das instituições em geral tomar parte do tempo do indivíduo, mas permitir o contato diário com o mundo exterior. Algumas instituições específicas impõem uma barreira ao mundo social externo, com proibições à saída dos internos. Este tipo de instituições Goffman chamará de *instituições totais*, que compreendem manicômios, conventos, prisões, quartéis militares, campos de concentração, escolas internas, entre outros. A instituição total é um local de residência ou trabalho onde um conjunto de indivíduos na mesma

situação leva uma vida bastante fechada e administrada.

Não existirá mais para estes indivíduos uma distinção entre a sua vida pública e a sua vida privada. Estas instituições submetem seus internos a processos de admissão que os dessubjetivam e os desindividualizam, sendo isto necessário para estabelecer o controle total dos indivíduos.

O autor estabelece cinco tipos ideais de instituições totais, sendo o segundo deles o que nos interessa aqui: instituições para pessoas incapazes, mas que são uma ameaça à sociedade de forma não-intencional, como hospitais para tuberculosos, leprosos e doentes mentais (GOFFMAN, 1974, p.16-17).

Logo ao chegar ao hospital, podemos observar claramente esta despersonalização descrita por Goffman quando as enfermeiras começam a catalogar todos os pertences pessoais de McMurphy, que ficarão retidos pelo hospital psiquiátrico. Ele inicialmente ainda não foi aceito pelo hospital, então continua utilizando suas roupas pessoais. Mas no decorrer do filme o protagonista passa a utilizar o “uniforme” dessubjetivado padrão da instituição.

Desde o início McMurphy apresenta uma postura esquizo. Desrespeita a autoridade, quebra as regras instituídas e ironiza as enfermeiras e os guardas. Por exemplo, McMurphy não toma o remédio que lhe dão. Em outro momento, ele entra na enfermaria, local de acesso proibido para os internos, tentando conversar racionalmente com as enfermeiras pedindo que estas abaixassem o volume da música clássica que toca enlouquecidamente todo o tempo, para que os internos pudessem conversar sem gritar. No entanto, ele é um interno e tem que sair da enfermaria. Seu pedido também é recusado.

Nosso protagonista lidera os internos em um jogo de basquete contra os guardas e, para surpresa geral, consegue marcar várias cestas. Nesta cena ele faz amizade com Chief (um índio americano de dois metros de altura, autista, que todos pensavam que era surdo-mudo), desafiando-o e acreditando que ele pode acertar a cesta. Esta personagem será essencial para o desfecho da história, como veremos mais adiante.

O protagonista começa a se socializar com os demais internos, e aos poucos, vai compartilhando os códigos específicos daquele microcosmo social: as rotinas, a “hora do remédio”, a “hora da recreação”, a terapia de grupo e os jogos de pôquer. No jogo de cartas, observamos um evento bastante interessante do ponto de vista microsociológico: o cigarro se torna a nova moeda no hospital, sendo

utilizado para as apostas. Cada cigarro Marlboro (uma das empresas com *merchandising* no filme) vale US\$ 0,10. Um dos internos quebra um cigarro ao meio tentando apostar US\$ 0,05. McMurphy se irrita e esclarece que a moeda de troca não vale nada partida ao meio.

Em uma sessão de terapia de grupo, o esquizo-protagonista organiza uma votação democrática para que os internos pudessem assistir ao início do campeonato mundial de baseball. No entanto, os internos perdem a votação. Indignado, ele imagina e narra o jogo, trazendo alegria e potência de vida aos internos. A enfermeira Mildred Ratched olha-o com desprezo. Neste último evento ele causa uma grande agitação, e é chamado ao escritório do Dr. Spivey.

Nosso esquizo começa a despertar a ira da “fabulosa” e sádica enfermeira Ratched. Conversando com o “doutor”, McMurphy tenta se explicar e acusa (com toda razão, no contexto do filme) a enfermeira de desonestia. Dr. Spivey afirma que ela é uma das melhores enfermeiras, e dúvida do esquizo. Assim, a enfermeira sádica fica imbuída, através do poder recebido pelos sistemas de disciplinamento, a continuar “tratando” os “doentes mentais” da maneira que julgar melhor.

Logo McMurphy se torna uma referência aos internos, pela sua capacidade de agência. Em uma das suas maiores perversões à ordem hospitalar, ele foge do manicômio, e sai dirigindo com o ônibus do hospital e os internos pela cidade. Após uma parada para encontrar uma prostituta, ele rouba um barco e leva os internos para pescar. Neste momento acontece uma das minhas cenas preferidas, quando McMurphy afirma ao empregado da marina que eles são do hospital psiquiátrico, mas introduz os internos como doutores. Naquele momento, vislumbra-se conclusivamente como a linha entre intelectualidade e loucura é tênue: as poses e feições daqueles personagens são muito parecidas com as de muitos acadêmicos e doutores mundo a fora. Utilizando-se desta autoridade advinda do “saber”, McMurphy consegue lançar o barco ao mar, mas, sob a escolta da polícia, tem que trazê-lo de volta à terra. Mas os internos voltam muito felizes carregando e exibindo os peixes que pescaram.

Discutindo sob o ocorrido, os especialistas não concordam sobre o fato de McMurphy ser louco, mas todos concordam que ele é perigoso. Como os esquizos em geral costumam ser.

Em outra sessão de terapia, McMurphy descobre que a maioria dos internos é voluntária, e não está sob custódia. Se indigna e fala: “Vocês pensam que são loucos? Vocês não são! Não mais do que qualquer outro cara que está aí andando pelas ruas.” Neste momento

podemos lembra aquilo que Foucault nos falava sobre como as instituições totais não precisam mais de grades, já que estão sendo introjetadas em nossas cabeças com a farmacologia e com o disciplinamento do comportamento social (*apud* ROCHA LIMA, 2010).

Nesta mesma sessão de terapia, um dos internos, Cheswick, propõe uma nova votação sobre a possibilidade de assistir o campeonato mundial. A enfermeira dá respostas serenas, racionais, explicativas, se utilizando de todo o poder que a sua roupa branca, o seu quepe e seus anos de estudo em enfermagem lhe possibilitam. Isto implicaria mudar o programa rotineiro do hospício, o que não é permitido. Então Cheswick pergunta: “Mas baseball não é terapia também?”.

Alguns internos se rebelam e começam a exigir não serem tratados como crianças, reclamando os seus cigarros de direito e a possibilidade de decidir a hora que desejam dormir. Questionam os argumentos da enfermeira, e Cheswick manda as regras se danarem. A terapia acaba em confusão e McMurphy agride um dos guardas. E Chief defende McMurphy, sendo necessários muitos guardas para contê-los.

McMurphy, Cheswick e Chief estão agora num corredor esperando a “terapia” com eletro-choque como punição por suas ações. É quando McMurphy descobre que Chief não é surdo-mudo, e propõe que os dois fujam. Ambos planejam fugir para o Canadá.

Na noite de Natal, McMurphy chama duas amigas prostitutas, que trazem bebidas. Ele suborna um guarda e consegue que elas entrem. Todos festejam e se embebedam. McMurphy poderia fugir, mas vai ajudar Billy (um interno reprimido, inseguro, gago, e com um tremendo complexo de Édipo) a perder a virgindade. O sexo é algo que não faz parte da vida da instituição, e por isso é altamente proibido. Mas fazer sexo foi fantástico para a auto-estima de Billy, enchendo-o de alegria.

Todos acabam adormecendo e no dia seguinte os guardas voltam. Quando a enfermeira Ratched encontra Billy e a prostituta, ameaça contar à mãe dele, o que o faz surtar. McMurphy tenta abrir a janela e acerta um soco em um dos guardas, tendo novamente a oportunidade de fugir. É quando uma enfermeira vê que Billy cometeu suicídio. McMurphy decide não fugir e esgana a enfermeira Ratched quase até a morte.

Quando ele faz sua transgressão máxima, a festa do Natal, sua “loucura” se torna tão insuportável que McMurphy é lobotomizado.

Tanto a lobotomia quanto a “terapia” de eletro-choque são dimensões biopolíticas do hospital psiquiátrico. Discutindo a concepção de Foucault sobre a biopolítica, Agamben (2002, p.125) nos mostra uma definição já clássica do conceito: “a crescente implicação da vida natural do homem nos mecanismos e nos cálculos do poder”.

Agamben (2002) resgata a noção de *homo sacer* do direito romano, mostrando como a sociedade fixa um limite além do qual a vida perde seu valor jurídico, possibilitando que se mate sem cometer homicídio. A categoria de “vida sem valor” corresponde à idéia de vida nua do *homo sacer*. A vida é somente “vida sacra”, e como tal, pode ser impunemente eliminada. Neste sentido, a lobotomia transforma McMurphy em um *homo sacer*, um morto em vida, se mostrando assim a expressão mais sombria da biopolítica em um hospital psiquiátrico.

Para Agamben (2002, p.146), toda sociedade fixa este limite, elegendo seus “homens sacros”: “A vida nua não está mais confinada a um lugar particular ou em uma categoria definida, mas habita o corpo biológico de cada ser vivente”. E, sem dúvida, McMurphy foi um dos escolhidos. Ao se transformar em um *homo sacer*, o hospital passa da biopolítica e chega até a tanatopolítica. E a imagem de McMurphy lobotomizado é a expressão máxima da ideia deleuziana e antipsiquiátrica que mostra os dispositivos como produtores de loucura.

Ao encontrar seu amigo transformado em um vegetal, Chief o liberta desta condição e o mata por asfixia. Em seguida, Chief levanta um bebedouro pesadíssimo e o joga contra a janela, em uma cena que ilustra a *vontade de potência* nietzscheziana ao extremo. Assim, ele consegue fugir, e sua fuga pode ser entendida como uma metáfora à libertação do domínio dos dispositivos de poder.

2. Considerações sobre a loucura em suas dimensões psicológica, social e política

“Everybody thinks I'm crazy
 Yeah! That's me, that's me, that's me
 A couple of hole and everything
 ‘na-fa-got!’
 ‘I way ah-na-ha-ha!’
 Crazy is me, and what more can I do?
 Somebody, too”⁵

A primeira seção deste artigo se mostrou necessária para delinear alguns traços gerais da conduta esquizoide, e como ela age dentro das estruturas sociais – no caso analisado, especificamente dentro de uma instituição total. A partir disso, ficarão mais claras as considerações teóricas sobre a loucura que apresento a seguir.

A loucura é um tema que perpassa pelo menos três dimensões da existência humana – psicológica, social e política. No plano da análise psicológica, ela se apresenta de duas formas, como nos mostra Deleuze e Guattari: (1) ou o indivíduo se encontra no estado *paranoico*, de surtos, o que o impossibilita de conviver com os demais e o isola no hospício-manicômico-sanatório⁶; ou (2) no polo oposto, se encontra no estado *esquizoide*, da desterritorialização do eu e da subjetividade (superego) dessubjetivada – e que também pode acabar levando-o ao hospício. (*apud* ROCHA LIMA, 2010). O objeto central deste artigo é o polo esquizoide.

Por outro lado, a loucura entendida a partir de sua *matriz de verdade* social hegemônica, é uma forma de incompetência social. A noção de competência social é fundamental à microsociologia, sendo o incompetente aquele que é incapaz de compreender e atribuir sentido às práticas sociais, aos códigos e ao cotidiano. O louco delira. Como nos mostra Rocha Lima (2010), etimologicamente, delirar significa sair da lira do arado, já que dedicar-se à agricultura era algo sensato a se fazer na maioria das sociedades.

Em outras palavras, o louco é incompetente social em dois sentidos: (1) não vê o sentido nas práticas, pois é incapaz de compreendê-las e assimilá-las: paranoico; (2) não vê sentido nas práticas sociais embora as compreenda, mas elas parecem tão absurdas que ele as recusa: esquizoide⁷.

A incompetência social nos traz a dimensão propriamente social da loucura. Decorrem desta incompetência a exclusão e estigmatização dos loucos. Foucault (2010) já nos mostrou como a loucura tem um caráter de exclusão desde sua origem: quando a lepra – um problema generalizado durante a Idade Média, que gerava grande estigmatização dos afetados por ela – é controlada na Europa, os asilos de leprosos se esvaziaram. Naquele momento, surge uma nova encarnação do mal para o mundo cristão e Ocidental, que justificaria a exclusão social de seus portadores: a loucura. Portanto, os loucos começaram a ser transferidos às instituições que antigamente continham os leprosos. Além disso, Foucault mostra historicamente as relações entre o desenvolvimento das práticas médicas e o avanço do disciplinamento, e o surgimento da

modernidade e do capitalismo.

Dialogando com Elias e Scotson (2000) e sua figuração estabelecidos-*outsiders*, podemos definir os loucos como “os de fora”. A partir da análise de uma pequena comunidade no sul da Inglaterra no século XX, os autores mostram como um grupo estabelecido há mais tempo estigmatizava o grupo recém-chegado, que era uma “ameaça anômica” aos valores, costumes, identidade e autoimagem do grupo, assim como à sua posição social e de poder. Os *outsiders* eram tidos como pessoas de menor valor humano, sujas e ruins, e a coesão social do grupo estabelecido possibilitava a estigmatização e o controle social. Pensando a figuração em termos sociais mais abrangentes, podemos tranquilamente caracterizar os loucos como *outsiders* que representam um perigo às normas estabelecidas e compartilhadas pela maioria dos “normais”. Nada mais justificável, assim, do que colocá-los num asilo visando evitar a “infecção anômica” das pessoas “mentalmente sadias”.

Deleuze e Guattari foram bastante criticados por atribuírem ao domínio da loucura tanto o polo esquizo quanto o polo paranoico. Poder-se-ia supor que ao invés de estarmos lidando com dois polos da loucura, lidaríamos antes com um polo onde há esquizofrenia de fato (psicologia), e outro onde existiria apenas estigmatização (social). No entanto, à medida que a exclusão/estigmatização criam traumas e distúrbios psicológicos – isto é, quando a sociedade produz loucura nos indivíduos –, a definição de Deleuze e Guattari não parece apresentar problemas.

Além disso, a esquizofrenia enquanto distúrbio psicológico se apresenta socialmente como uma *esquizopráxis* ou *agenciamento esquizofrênico*⁸, isto é, como prática esquizofrênica na vida cotidiana. A esquizopráxis fará com que o indivíduo sofra uma estigmatização por não corresponder às normas socialmente aceitas, e este fenômeno acontece tanto com paranoicos como com os esquizos, o que comprova novamente a pertinência da definição de Deleuze e Guattari.

Mas notem – e isso é o mais importante – apenas um dos polos possui uma falta de sanidade/lucidez mental, o polo paranoico. Por mais que o capitalismo possa produzir neuroses e patologias no plano psicológico, existirá no caso do esquizo uma lucidez mínima, tanto no plano psicológico, mas principalmente no domínio social. Apesar da produção de certa patologia psicológica, no caso do esquizo o delírio não recai no estado clínico, na ausência de obra.

Para o esquizo a lucidez ainda existe, a degeneração

psicológica não é total. E nesse caso, a condição de esquizofrenia assume um ideal político, uma justificação filosófica para a prática social. Ela funciona como uma espécie de tomada de consciência da condição esquizo como fonte de resistência política. Assim, passamos das dimensões psicológica e social e chegamos ao domínio político. Como se vê, a definição de *lucidez* apresentada aqui possui uma forte conotação social, próxima de noções como capacidade de crítica e agência dos sujeitos em relação às estruturas sociais.

Em resumo, o polo paranoico perpassa as dimensões psicológicas e sociais, mas não possui um caráter de consciência política, de capacidade de crítica social, não possui lucidez (embora sua esquizopraxis também represente uma ameaça anômica às normas sociais). Esta é essencialmente a diferença entre o paranoico e o esquizo, já que a esquizopraxis deste último está constantemente permeada pela política, pelo agenciamento esquizofrênico consciente e lúcido.

O que permite aproximar conceitualmente sob o termo “louco” o esquizo e o paranoico é o fato de eles incomodarem, negarem e serem recusados pela sociedade. Nisso e apenas nisso o louco esquizo e o louco paranoico estão mais próximos entre si e distantes do “normal”, do “competente social”, do “robotomizado”. Em outras palavras, e pensando em nosso esquizo-protagonista McMurphy, parece que o estranho no ninho não estava em um ninho tão estranho assim.

Mas, se formos considerar os termos ao pé da letra, a ovelha do rebanho é mais louca do que o louco paranoico, pois tem lucidez racional, mas reproduz idiotamente velhos preceitos morais e matrizes de verdade – para falar nos termos de Foucault (2000); ou a civilização, os hábitos e os costumes – nos termos de Elias (1994). É um *cultural dope* no sentido de Garfinkel (*apud* COULON, 1995), isto é, sua ação é um mero reflexo das normas e estruturas sociais. E o mais lúcido de todos é o *esquizovivente*, o desterritorializado, mas que é definido como louco, pois é incompetente para viver entre os “normais” na sociedade. Em outras palavras, seria mais apropriado aproximar o louco (doente mental crônico) incapaz de reflexão consciente e pensamento lúcido, do camelo⁹ (aceitador tácito da ordem social), do que ao louco no sentido esquizo.

Efetivamente, o esquizo é um iconoclasta, um profanador, um crítico da moral e da “verdade” e de todas suas formas de expressão: religião, ciência, política, moral, direito, estética artística, entre outros. Seja ato inconsciente (paranoico) ou consciente (esquizo por

excelência), a mera existência do louco ofende a sociedade, a moral e os bons costumes. Nas palavras de Deleuze e Guattari (2010, p.452): “[...] quem é o esquizo senão aquele que já não pode suportar ‘tudo isto’, o dinheiro, a bolsa, as forças da morte, como dizia Nijinsky – valores, morais, pátrias, religiões e certezas privadas?”.

Nestes dois sentidos, e principalmente no segundo, podemos apontar alguns loucos (ou gênios): Friedrich Nietzsche, Frank Zappa, Antonin Artaud, William Burroughs, Van Gogh, Charles Bukowsky, Lou Reed, Andy Warhol, Marcel Duchamp, David Bowie, George Orwell, Syd Barrett, Michel Foucault, Gilles Deleuze, Ney Matogrosso, Henry Miller, Paul Feyerabend, Raul Seixas, Tom Zé, Sean Penn, Arnaldo Baptista, Luis Hernández, Timothy Leary, Stanley Kubrick, Lobão, Lars Von Trier, Charles Baudelaire, e agora, Randall Patrick McMurphy. A lista é infinita e depende do juízo estético de cada um. Uns deles tiveram mais sorte, outros menos. Mas todos chocaram, incomodaram e perturbaram suas sociedades, fugindo da normalidade.

Parece então que a loucura é um caminho sem volta. O incompetente social estigmatizado, seja por um distúrbio psíquico ou por ter adotado uma esquizopraxis reflexiva como forma de ser no mundo – filosofia política de ação social crítica e lúcida –, não será bem aceito na sociedade. Quando o caso deles não é tão grave, eles talvez não sejam levados a instituições totais, mas a instituições um pouco menos formalizadoras e disciplinadoras, como as escolas, as fábricas, as universidades, as igrejas, e assim por diante.

E nestas instituições não totais eles têm o mínimo de espaço possível para poderem se tornar *máquinas desejanτες* e resistentes, de poderem gritar – mesmo que em voz baixa – um berro lúcido. Embora não sejam instituições totais, não se deve supor, no entanto, que instituições como as escolas e universidades não sejam marcadas também por um caráter de exclusão. Diz-nos Foucault (2006, p.15):

[...] há o estudante: de uma certa maneira ele é também aprisionado em um circuito que possui uma dupla função. Em primeiro lugar, uma função de exclusão. O estudante é posto à parte da sociedade, relegado a um *campus*. Ao mesmo tempo em que o excluem, transmitem-lhe um saber de tipo tradicional, *démodé*, acadêmico, um saber que não tem nenhuma relação direta com as necessidades e com os problemas do mundo de hoje. [...] é essa sociedade artificial, teatral, essa sociedade de papelão que se constrói em torno do estudante, mediante o que os jovens de 18 a 25 anos são, por assim dizer, neutralizados

para e pela sociedade, tornados confiáveis, impotentes, castrados, política e socialmente.

Resta ainda apresentar algumas considerações e relativizações a respeito do termo *competência social*. Disse anteriormente que os esquizos não possuem competência social, isto é, habilidades para agir conforme as matrizes de verdade socialmente aceitas na maioria dos espaços sociais. No entanto, alguns esquizos podem possuir uma competência social relativa, sendo bastante competentes em certos âmbitos, e até mesmo obtendo sucesso em determinado *campo* – que nesse caso, será provavelmente perpassado por um *habitus* de loucura (cf. os conceitos de Bourdieu, 2010) –, como é o caso de certos movimentos artísticos. Na verdade, a identificação de outros esquizos com a obra de determinado artista pode lhe gerar proeminência e status social.

No entanto, isso não exclui o fato de que todos os esquizos foram em alguma medida rejeitados socialmente, causaram estranheza, foram tratados como loucos nos espaços mais formais e moralistas da sociedade, e foram incompetentes nestes espaços – isto é, onde vigora a matriz social de verdade “normal”, “correta” e “castradora”.

No caso de nosso esquizo-protagonista, McMurphy certamente incomodou muita gente “boa” e pacata. Então ele recebeu sucessivos avisos sociais: foi à prisão, ao hospício, ao estado vegetal, e à morte. “Deram um jeito nele”, como Chief advertiu-o que fariam. Foi um incompetente no sentido de não ser capaz de manipular o jogo social suficientemente ao ponto de conservar coisas elementares: a liberdade (foi preso), o status de indivíduo adulto e competente (foi ao hospício), a lucidez (acabou no estado vegetal), e a vida (já que foi assassinado).

McMurphy não foi morto por Chief – que parecia catatônico, mas pulsava vida –, foi morto pela sociedade. O crime de McMurphy, sentenciado pela sociedade, foi não acreditar no sonho americano, não se adequar às estruturas e, arrisco, duvidar de signos como deus, família, pátria, propriedade privada, leis, moral, etc.

A sobrevivência social e física de um esquizo depende da sua capacidade de atuação social e de manipular a plateia (cf. os termos de Goffman, 2009). O esquizo procura evitar a atuação social ao máximo, ou tenta exercê-la apenas no nível mínimo para a sua sobrevivência. Ao recusar a matriz social dominante, ele sempre procurará evitar dançar conforme a música, ou atuar conforme o

roteiro. No entanto, deve haver uma postura de pragmatismo frente às estruturas dominantes, para que não se perca as coisas essenciais à vida, para que se possa continuar realizando a esquizopraxis. Apesar de os mais radicais considerarem que manipular a estrutura de forma pragmática seja “vender a alma ao diabo”, acredito que de nada nos adianta um “esquizo puro” se ele estiver no manicômio ou morto.

Neste sentido, e apenas neste sentido, McMurphy foi um incompetente social. Mas ao recusar a moral e os valores de sua própria cultura ele se torna de muita competência e valor à filosofia, à política e à sociedade.

3. Considerações finais

Este artigo procurou relativizar e desconstruir as matrizes de verdade dominantes de noções como “loucura”, “competência social” e “lucidez”. Tratou-se aqui de um procedimento de conjunção de ideias e teorias, especialmente entre a antipsiquiatria e a sociologia, visando apresentar uma definição de loucura que considerasse seus aspectos psicológico, social e político.

A contribuição mais importante da esquizoanálise é, em primeiro lugar, reconhecer o capitalismo e os dispositivos de poder como produtores de esquizofrenia. Assim, distúrbios psicológicos muitas vezes têm uma origem social e não podem, portanto, ser tratados simplesmente como patologias ou degenerações individuais.

E, em segundo lugar, a esquizoanálise tem grande contribuição ao destacar o caráter político da loucura, que representa uma forma de resistência à formalização da sociedade. A esquizopraxis se mostra como a grande possibilidade de resistência política na contemporaneidade. A despeito disso, é razoável sempre termos em mente a advertência de Bauman (1999, p.259-60): “Nutrir uma ideia que não é compartilhada é uma audácia lisonjeira e estimulante, mas que beira demais a loucura para dar um conforto espiritual completo”.

Dialogando ainda com Bauman (1999), podemos verificar na loucura o caráter ambivalente que o autor atribui à modernidade: ao mesmo tempo em que a loucura é um incômodo à ordem e às normas socialmente aceitas, ela contribui para legitimar a existência e a atuação dos dispositivos de poder que devem disciplinar e curar esta loucura.

Penso que muitas das questões que perturbaram muitos dos gênios mencionados neste trabalho, e que os levaram à esquizofrenia, são pertencentes antes ao domínio da condição existencial humana do

que às estruturas sócio-políticas e históricas. Assim, a aspiração de transformar o sistema – como na dicotomia socialismo x capitalismo, por exemplo – não ataca o cerne do problema. Reformas são muito menos profícuas – basta lembrar o horror de Deleuze e Foucault às ditas reformas, feitas por alguém que exerce o poder para outrem que não o exerce (FOUCAULT, 2000). Mas, mesmo assim, há coisas por fazer, e há espaço para tanto. O papel do intelectual, do criador de teorias, indissociadas da prática – e estou me referindo à concepção de Deleuze e Foucault sobre a *práxis*, não a de Marx – é desconstruir o poder, suas matrizes de verdade e profanar as estruturas, ou seja, utilizar-se de todos os dispositivos possíveis para destruir estes próprios dispositivos.

Não pretendo aqui estabelecer uma normatividade para o intelectual ou apontar a esquizopráxis como a salvação para a humanidade – até porque a esquizopráxis, por definição, é contra a normatividade e os discursos de poder que ela pressupõe. Além disso, a esquizopráxis pode ser criticada pela sua possibilidade de atuação limitada nos planos macro-políticos. Sendo, em última instância, uma forma de resistência política marcada pela individualidade e pela subjetividade dessubjetivada, torna-se difícil pensar como seria a aplicação de tal conduta para o plano geral da política que deve trabalhar com normas, convenções e políticas públicas, por exemplo.

O que pretendi aqui foi apenas mostrar e conjugar alternativas amplamente teorizadas, e contribuir para este debate, com todas as limitações possíveis. E, principalmente, afirmar a possibilidade da agência humana e da práxis esquizofrênica transformadora, e a importância de o intelectual não corroborar e reproduzir práticas sociais injustificáveis. Pois, afinal de contas, a neutralidade axiológica é um procedimento metodológico, e não uma filosofia de vida.

Notas

1 - Trabalho realizado em cumprimento às disciplinas de Psicologia Clínica Crítica e Tópicos Especiais em Sociologia V (Introdução à Microsociologia). As disciplinas foram cursadas no segundo semestre de 2011.

2 - Trecho de *Quando Acabar o Maluco Sou Eu*, música de Raul Seixas, Lena Coutinho e Cláudio Roberto. Disco *Uah-Bap-Lu-Bap-Lah-Béin-Bum!*, lançado em 1987 pela Copacabana.

3 - A respeito de Jack Nicholson, considerando sua filmografia e as ideias trazidas em alguns dos filmes em que atua, pode-se certamente afirmar que o ator é um *esquizo* no sentido assumido neste artigo (ver item 2). Seu discurso na cerimônia do Oscar, quando recebeu a estatueta de melhor ator, é emblemático: “I guess this proves there are many nuts in the Academy as anywhere else”.

4 - Tradução livre do roteiro do filme. Todas as citações de personagens do filme daqui em diante se basearão em traduções livres.

5 - *Everybody Thinks I'm Crazy*, música de Arnaldo Baptista no disco *Let It Bed*, lançado em 2004 pela Tratore.

6 - O polo paranoico de Deleuze e Guattari está muito próximo da célebre definição de loucura de Foucault: a ausência de obra. (*apud* Rocha Lima, 2010).

7 - A paranoia e a esquizofrenia não são necessariamente tipificações de sujeitos sociais, mas também polos que se alternam em um mesmo indivíduo.

8 - Na revisão de bibliografia não foram encontradas explicitamente nem a noção de *esquizopraxis*, nem de *agenciamento esquizofrênico* (ou *esquizoagência*), termos cunhados pelo autor deste artigo e entendidos aqui como sinônimos. No entanto, a noção que implicam certamente já está presente nos escritos de Deleuze e Guattari.

9 - Em *Assim Falou Zaratustra*, Nietzsche narra a trajetória humana a partir da parábola do camelo, do leão e da criança. O camelo é aquele que carrega os fardos da sociedade sem questionamento; o leão é aquele que se nega e permanece nesta negação; a criança é a afirmação da vida. A *Willst zu Machen* (vontade de potência) é o desejo de vida, a aceitação e afirmação do *eterno retorno do mesmo*, do que não pode ser mudado. (*apud* Deleuze, 1981).

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: O poder soberano e a vida nua. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

DELEUZE, Gilles. **Nietzsche**. Lisboa: Edições 70, 1981.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Vol. I. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FOUCAULT, Michel. 1971 – Conversação com Michel Foucault. In: **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura: na idade clássica**. 9.ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 15. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, Prisões e Conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

ROCHA LIMA, Marcos Eduardo. **Três Esquizes Literários: Antonin Artaud, Raymond Roussel e Jean-Pierre Brisset**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2010.